

José Cardoso Pires acaba de ser traduzido para o francês pela Gallimard. Em entrevista ao DN, o escritor faz um balanço sobre a sua vida e obra. Para o autor de «A Balada da Praia dos Cães», que analisa, também atentamente, o pós-guerra, a literatura portuguesa tem prestígio no estrangeiro

Crise de criatividade não afecta Portugal

Álvaro Morna

Correspondente em Paris

DOTADO de uma forte personalidade, possuindo a virtualidade das palavras simples, que escondem mal uma profunda ternura pelas gentes do seu país, José Cardoso Pires falou ao DN, em Paris, quando do lançamento de *Alexandra Alpha*, sobre o seu percurso: vida e obra. Observador atento do mundo que o cerca e da actualidade grave que o mundo conheceu nestas últimas semanas, o escritor analisa, de forma lúcida, na entrevista o pós-guerra.

«Diário de Notícias» — José Cardoso Pires escreveu o primeiro livro em 1949...

José Cardoso Pires — O meu primeiro livro escrevi-o em 1949. Era uma recolha de pequenos contos. Depois surgiu *História de Amor*, que me valeu ter sido preso pela PIDE. Depois, a pouco e pouco, os romances começaram a aparecer naturalmente.

DN — A sua obra é profundamente marcada pela ditadura salazarista. Como viveu essa relação difícil com o regime de então?

JCP — Toda a minha vida e a minha obra foram marcadas pelo regime de Salazar. Lembro-me de quando vinha para Paris e olhava a França como se fosse o símbolo da liberdade. Um país onde se podia respirar... Quando trabalhava como *copywriter*, vinha muitas vezes a Paris e encontrava, então, muitos trabalhadores que trabalhavam nas fábricas Renault. Pude, então, verificar a situação difícil em que se encontravam, sem nenhuma protecção, completamente abandonados e esquecidos pelo seu próprio Governo. Lembro-me de um caso, passado na altura da OAS, em que dois operários portugueses foram mortos pela Polícia,



José Cardoso Pires: «No que diz respeito à «Balada da Praia dos Cães», confesso que esperava que o filme me trouxesse um pouco mais de novidades»

em Paris, à saída de uma estação de metro, só porque foram tomados por terroristas... O Governo português não queria protestar, mas acabou por fazê-lo, pedindo uma pequena indemnização para os familiares das vítimas. O Governo francês deu o dobro daquilo que haviam pedido as autoridades portuguesas. Quer dizer: manifestou uma maior consideração pelos portugueses que foram mortos do que o nosso Governo, que tratava os emigrantes como animais.

DN — Acha que as novas gerações têm hoje consciência do que era Portugal antes do 25 de Abril?

JCP — Hoje o jovem português não se preocupa com uma série de problemas, porque na realidade nunca os viveu. Já não temos uma guerra colonial. Já não estamos na ditadura. Houve efectiva-

mente um certo amolecimento político por parte da juventude portuguesa, mas isso acontece em todo o lado. Em Portugal pudemos ver a reacção dessa mesma juventude a propósito da guerra do Golfo. Essa juventude quando tem oportunidade de se afirmar desperta. Quando se vê «apertada», reage então de forma positiva, como foi agora o caso ao recusar participar na guerra. Também no aspecto político, não tem assumido um papel de «direita» ou de demissão. Está talvez menos politizada, porque é muito mais feliz, embora esteja consciente dos riscos que, actualmente, corre. Um outro exemplo: quando Le Pen veio a Portugal foi mal recebido pelos jovens, imitando nisso, aliás, a atitude sem ambiguidade do Presidente da República portuguesa.

DN — Um dos seus romances mais célebres —

«A Balada da Praia dos Cães» — foi adaptado para o cinema. Considera o filme uma boa adaptação da obra?

JCP — Considero que foi boa, embora o realizador tivesse seguido demasiadamente à letra o meu romance. Esperava dele uma maior liberdade de interpretação, uma maior liberdade no olhar...

DN — Que prefere: o livro ou o filme?

JCP — Costumo dizer que o livro que escrevo é aquele que prefiro. No que diz respeito à *Balada*, confesso que esperava que o filme me trouxesse um pouco mais de novidades. Por isso mesmo fiquei um pouco frustrado.

DN — «Alexandra Alpha» foi a obra agora traduzida em francês pela Editora Gallimard. Um trabalho importante...

JCP — Sim, é um roman-

ce que precisava de escrever. Nele conto como era a cidade de Lisboa depois da Revolução, com o desfazer de todos os mitos que criámos. Trata-se da descrição de uma sociedade na passagem de antes para o pós 25 de Abril. Quero acrescentar que nunca gostei tanto de Portugal como após o 25 de Abril. Até aí, o meu país era um remorso, porque tinha o sentimento de não dar ao meu país aquilo que gostaria de lhe oferecer. E isso por medo e comodismo. Hoje somos livres e talvez, por isso, mesmo a cidade de Lisboa é também a mais bonita do mundo...

DN — A literatura portuguesa conhece actualmente uma verdadeira explosão em França. Não se tratará de um fenómeno artificialmente criado?

JCP — Acho que não. Essa explosão justifica-se. A verdade é que existe actualmente uma crise de criatividade um pouco por todo o lado, inclusive em França. Portugal encontra-se, pelo contrário, num período excepcional. Os Portugueses começam agora a deitar fora os seus preconceitos de humildade e os complexos que sempre tiveram. Hoje temos uma consciência lúcida das nossas limitações e sabemos assumir essa condição com coragem. E possuímos, também, uma língua que vive, neste momento, em plena expansão. Não podemos esquecer que não é só em França que a nossa literatura conhece um grande prestígio. A Alemanha, a Itália e a Espanha descobrem, igualmente, agora com grande interesse a literatura portuguesa.

DN — A guerra do Golfo chegou ao fim. Qual é a análise que faz deste conflito que abalou o mundo e do papel que a França pode vir a desempenhar no processo de paz?

JCP — Por muito estranho que pareça, penso que o equilíbrio da Europa, e por consequência o nosso próprio equilíbrio, vai depender da França. Sabia-se muito bem que esta guerra estava ganha antecipadamente. Pessoalmente, penso que Saddam Hussein fez uma loucura. Mas os crimes não devem justificar outros crimes. O grande risco que corremos é o de sabermos qual vai ser, agora, a resposta americana. O que realmente vai ficar «político» e tomar conta daquela área é realmente nos quer imputar um governo fascista, como o Governo turco, fazendo entrar para a CEE... Se é isso que os americanos pretendem, será um mau sinal. Precisamos de saber, também, qual o preço que os americanos vão cobrar pela guerra do Golfo. É essa, aliás, a grande questão. Será que vão manter também na Arábia Saudita um governo que é um pouco mais primitivo, onde não há qualquer espécie de liberdade e onde as mulheres são esprezinhas sob o ponto de vista moral? Não sei. Há, no entanto, um país em que não há qualquer autoridade, sem autonomia, sem uma espécie de subcolónia americana, sem qualquer prestígio, mesmo cultural. Os únicos países que prefiguram a Europa são hoje a Alemanha e a França. Este último teve uma atitude que me dá a percepção de que se ia a cortar a sério o preço da paz. Não há dúvida nenhuma de que o nosso bem-estar depende agora deste país e da sua participação na definição da paz. Estou com isto a pensar uma grande responsabilidade histórica à França. O que faço é porque sei também que ela é capaz de assumir essa responsabilidade.